

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Cilka's Journey*

Autora: *Heather Morris*

Copyright © Heather Morris 2019

Edição original publicada em língua inglesa com o título *Cilka's Journey*

por Bonnier Zaffre Limited, London

Os direitos morais da autora estão certificados

Posfácio de Owen Matthews, 2019

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2020

Tradução: *Miguel Romeira*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Design da capa: *Nick Stearn*

Fotografia do *gulag* © Ria Novosti/Fotobanco.pt

Fotografia das mãos © Shutterstock

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2020

Depósito legal n.º 465 929/20

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Aos meus netos*

*Henry, Nathan, Jack, Rachel e Ashton.*

*Nunca esqueçam a coragem, o amor e a esperança  
que recebemos de todos os sobreviventes  
e de todos os que não sobreviveram.*

Esta é uma obra de ficção, baseada não só no que me contou Lale Sokolov, o tatuador de Auschwitz, sobre Cecília «Cilka» Klein, que ele conheceu em Auschwitz-Birkenau, mas também nos testemunhos de outras pessoas que a conheceram e da minha própria investigação. Embora entreteça factos e pesquisa com as experiências de mulheres que sobreviveram ao Holocausto e de várias outras que foram enviadas para os *gulags* (os campos de trabalhos forçados na antiga União Soviética), este livro é um romance e não uma narrativa factual da vida de Cilka. Além disso, as suas personagens têm várias origens: umas foram inspiradas por alguém que existiu, de facto; outras representam mais do que um indivíduo; outras foram totalmente imaginadas. Há vários relatos factuais que documentam os dois períodos em questão — duas épocas terríveis da história da humanidade —, que os leitores interessados deverão ler.

Em apêndice, no final do livro, o leitor poderá encontrar mais informação sobre Cecília Klein e sua família, bem como sobre os *gulags*. Faço votos para que a publicação deste livro traga à luz mais informação sobre Cilka e sobre aqueles que a conheceram.

Heather Morris, outubro de 2019

# CAPÍTULO 1

## Campo de Concentração de Auschwitz 27 de janeiro de 1945

Cilka fixa o olhar no soldado parado à sua frente e que pertence ao exército que acaba de entrar no campo de concentração. Ele diz qualquer coisa em russo, depois em alemão. Inclina-se para a rapariga de dezoito anos, ele mais parece um gigante. «*Du bist frei.*» — *És livre de ir.* — Ela não sabe se ouviu mesmo as palavras dele. Antes deste exército, os únicos russos que ali viu eram prisioneiros de guerra, gente macilenta e a morrer à fome. Será possível que a liberdade exista, de facto? E que o pesadelo tenha terminado? Ao vê-la sem reação, ele inclina-se e segura-lhe os ombros. Ela estremece. Ele retira prontamente as mãos.

— Desculpa, não quis assustar-te — prossegue num alemão hesitante, abanando, por fim, a cabeça; julga que ela não o está a entender. Com um gesto largo a indicar todo o campo, repete o mesmo, mas mais devagar: — *És livre de ir. Estão salvos. Somos o exército soviético e viemos para vos ajudar.*

— Eu percebo — sussurra Cilka, agasalhando-se melhor no casaco que lhe esconde o corpo franzino.

— Falas russo? — Ela anui. Cresceu a ouvir falar um dialeto eslavo oriental, o ruteno. — Como te chamas? — pergunta o soldado, agora num tom mais brando.

Ela olha-o nos olhos.

— Cecília Klein — responde sem hesitar —, mas as minhas amigas chamam-me Cilka.

— É um nome muito bonito — elogia ele. Ela estranha estar a olhar para um homem de aspeto saudável, mesmo não sendo um dos verdugos. Tem olhos claros, umas faces sadias e o cabelo louro espreita-lhe por debaixo do bivaque. — E vens de onde, Cilka Klein?

As recordações da sua vida antes de Auschwitz tornaram-se vagas, perderam a nitidez. Tornou-se demasiado doloroso recordar que tivera uma família e vivera em Bardejov.

— Da Checoslováquia — responde, a voz a falhar.

## **Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau fevereiro de 1945**

Cilka está no seu bloco. Sentou-se tão perto quanto conseguiu da única salamandra em que arde carvão. Sabe que já atraiu as atenções. Há semanas que todas as mulheres capazes de andar — entre elas, as suas amigas — foram levadas do campo de concentração pelas SS sob ameaça de fogo. Ali, ficaram apenas os prisioneiros, que são pouco mais do que esqueletos, os doentes e as crianças. Depois, há ela. O plano era matá-los a todos, mas, com a pressa de fugir, os nazis acabaram por abandoná-los à sua sorte.

Aos soldados russos, juntaram-se agora os oficiais — agentes de contraespionagem, ouviu ela dizer, mas não sabe o que isso significa ao certo. Ao que parece, vieram para gerir uma situação que um soldado comum não está treinado para lidar. Estão incumbidos de impor a lei e a ordem, e, sobretudo, de travar qualquer ameaça para com o Estado soviético. Segundo lhe disseram os soldados, aqueles oficiais irão interrogar cada prisioneiro para apurar qual a sua situação ali no campo, que tipo de prisioneiro era, e, em particular, se colaborou com os nazis. Para os russos, cada soldado do exército alemão em retirada é um inimigo da União Soviética e, por extensão, todo aquele ou aquela que possa ter tido algum contacto particular com eles é, também, um inimigo da União Soviética.

Entra ali um soldado.

— Vem comigo — diz, e aponta para ela. Simultaneamente, uma mão segura-lhe o braço direito e fá-la erguer-se. Passaram várias semanas e ver esta e aquela serem levadas para interrogatório tornou-se parte do dia a dia ali no bloco. Para Cilka, resume-se a isto: é a sua vez. Tem dezoito anos e resta-lhe ter esperança de que eles entendam que ela não teve alternativa senão fazer o que lhe mandavam. Fê-lo para sobreviver. A alternativa era morrer. Com sorte, em breve regressará à Checoslováquia, onde arranjará alguma maneira de seguir em frente.

Já no edifício onde o exército soviético fez quartel-general, é conduzida a uma sala onde estão sentados quatro homens. Ela esboça um sorriso. Afinal, eles estão ali para punir os maus, os captores, e não a ela. O que está a acontecer é uma coisa boa; não haverá mais mortes. Eles não lhe sorriem de volta. Cilka apercebe-se de que os uniformes daqueles quatro homens são ligeiramente diferentes dos uniformes dos soldados. Estes oficiais usam dragonas azuis e os seus chapéus (cada um pousou o seu diante de si na mesa) têm uma faixa também azul, com uma listra vermelha.

Por fim, um deles sorri-lhe.

— Pode dizer-nos o seu nome? — pede, delicado.

— Cecília Klein.

— E vem de onde, Cecília? Diga-nos qual o país e a cidade.

— Sou de Bardejov, na Checoslováquia.

— Data de nascimento?

— 17 de março de 1926.

— E há quanto tempo está aqui?

— Cheguei no dia 23 de abril de 1942. Tinha acabado de fazer dezasseis anos.

O oficial detém-se um momento, apenas a observá-la.

— Já foi há muito tempo.

— Neste lugar, é uma eternidade.

— E o que tem feito por aqui desde abril de 1942?

— Tenho procurado sobreviver.

— Sim, mas como? — Ele inclina a cabeça. — Não tem ar de ter passado fome. — Cilka não responde, mas leva as mãos ao

cabelo, que ela mesma cortou toscamente há semanas, depois de as amigas serem levadas do campo de concentração pelos nazis.  
— Tinha algum trabalho aqui?

— Sim. Fazia por não morrer.

Os quatro homens entreolham-se. Um deles agarra num papel, que finge ler, e então diz:

— Chegou-nos um relatório a seu respeito, Cecília Klein. Dá conta de que a forma que arranjou de «não morrer» foi prostituir-se ao inimigo.

Sem dizer palavra, Cilka engole em seco. Olha de um para outro, a tentar perceber o alcance do que eles estão a dizer e o que esperam que ela responda.

E fala um outro.

— A pergunta é simples: andou a foder com nazis?

— Eles eram o meu inimigo. Eu era uma prisioneira.

— Mas fodeu com nazis ou não? Disseram-nos que sim.

— Tal como muitos outros neste lugar, também eu fui forçada a fazer o que me mandavam os que me fizeram prisioneira.

O primeiro que falou ergue-se da cadeira.

— Cecília Klein, vamos enviá-la para Cracóvia e lá decidiremos o que será de si. — Agora já não olha para ela.

— Não! — Cilka põe-se também de pé. Aquilo não pode estar a acontecer-lhe! — Vocês não podem fazer-me isto! Eu sou uma prisioneira!

Aquele que ainda não falou pergunta calmamente:

— Fala alemão?

— Um pouco, sim. Estou aqui há três anos.

— E fala várias outras línguas, segundo fomos informados. Contudo, é checoslovaca.

Sem negar, ela franze o sobrolho; não entende a relevância disso. Aprendeu línguas na escola e outras aprendeu-as ali em Auschwitz.

Os oficiais tornam a entreolhar-se.

— O facto de falar outras línguas induz-nos a concluir que é uma espia que está aqui para recolher informações que depois venderá a quem pagar mais. Tiraremos isso a limpo em Cracóvia.

— Mas pode desde já contar com uma dura pena de trabalhos pesados — diz o primeiro que lhe falou.

Ela fica momentaneamente sem reação e então o soldado que a trouxe torna a agarrar-lhe o braço e leva-a arrastada, e é então que Cilka começa a gritar a sua inocência.

— Eu fui obrigada, fui violada! Não! Por favor!

Mas nenhum deles reage; é como se não a ouvissem sequer. Já estão a pensar na próxima que vai ser interrogada.

### Prisão de Montelupich, Cracóvia, julho de 1945

Cilka agacha-se a um canto da cela húmida e fedorenta. Já perdeu a noção do tempo. Terão passado dias, semanas, meses.

Não tenta conversar com as outras. As que os guardas ouvem falar são levadas e, ao serem trazidas de volta para a cela, vêm cheias de equimoses e com as roupas rasgadas. *Não fales, não dêes nas vistas*, pensa Cilka para consigo. *Espera até saberes o que se passa e o que é mais aconselhado dizer ou fazer*. Numa tentativa de mitigar um pouco o fedor a dejetos humanos, a humidade e a podridão, rasgou uma tira do vestido e cobriu o nariz e a boca.

Por fim, chega o dia em que a vêm buscar à cela. Meio desfalecida pela fome e exausta do esforço de acompanhar o que se vai passando, vê tudo vago, sejam os guardas, a parede ou o chão. É como se estivesse num sonho. Num corredor, junta-se a uma fila de outras prisioneiras que vão avançando lentamente para uma porta. Isso permite-lhe encostar-se a uma parede morna e sem humidade e descansar momentaneamente. Por causa dos guardas, os corredores são aquecidos, mas o mesmo não acontece com as celas. Possivelmente, já estará bom tempo, mas é como se a prisão se enchesse com o frio noturno e não o deixasse sair durante todo o dia.

Chegada a vez de Cilka, ela entra numa sala. Sentado a uma secretária está um oficial, o seu rosto sob a luz esverdeada de um candeeiro. Os guardas à porta fazem-lhe sinal, a dizer-lhe que se aproxime da secretária.

O oficial lê a informação no documento que tem à sua frente.

— Cecília Klein?

Ela olha em volta. Está ali sozinha com três homens de ar brutalhado.

— Sim.

Ele torna a fixar-se no documento e começa a ler alto.

— «A ré é culpada de servir o inimigo como prostituta e como espia. A sentença são quinze anos de trabalhos forçados.» — Assina o documento. — Assine aqui, para confirmar que compreendeu o que lhe foi dito.

Cilka entendeu cada palavra. O oficial falou-lhe em alemão e não em russo. *Será um truque?*, pergunta-se. Sente os olhares dos homens à porta. Sabe que tem de fazer alguma coisa. Mas não vê alternativa senão fazer o que ele mandou.

O oficial vira a folha e indica-lhe uma linha a tracejado. As letras logo acima são do alfabeto cirílico — aquele que os russos usam. Uma vez mais, como em tantas ocasiões na sua vida ainda tão curta, Cilka vê-se forçada a optar entre um caminho estreito que acaba de se abrir diante dela e a morte.

O oficial estende-lhe a caneta e desvia o olhar para a porta, enfasiado, já à espera da próxima. Está a fazer o seu trabalho, é tudo.

Com a mão a tremer, Cilka assina o documento.

É só ao ser levada para um camião que espera as prisioneiras no exterior da prisão que ela se dá conta de que já não é inverno. Como se a primavera não existisse, já é verão. Se o calor do Sol é um bálsamo para o seu corpo enregelado — o seu corpo ainda vivo —, a luz do dia magoa-lhe os olhos. Mas não chega a ter tempo para se habituar, porque o camião para abruptamente. E diante dela, uma vez mais, eis um vagão de um comboio de gado, desta vez pintado de vermelho.

## CAPÍTULO 2

Num comboio a caminho do *gulag* de Vorkuta, na Sibéria, 160 km a norte do Círculo Polar Ártico, julho de 1945

O chão do vagão foi atapetado com uma camada de palha e cada prisioneira tenta conseguir um espacinho para se sentar. Há idosas a lamuriarem-se e bebés a chorarem. Mulheres em sofrimento; como Cilka desejou jamais tornar a ouvir isso... O comboio fica na estação durante horas e o calor que se faz sentir lá fora começa a aquecer a carruagem, que, por fim, já parece um forno. Depressa o balde de água ali deixado para todas partilharem fica vazio. O choro dos bebés torna-se rouco e entrecortado por tosse. Quanto às idosas, agora apenas se embalam, como se em transe. Cilka conseguiu encostar-se a uma parede e o pouco ar que vai entrando pelos minúsculos intervalos entre as tábuas que formam o vagão sempre lhe traz algum alívio. A prisioneira do lado encosta-se a ela e umas costas duras apoiam-se-lhe nos joelhos recolhidos. Cilka não protesta. Seria absurdo lutar por um espaço que não existe.

O comboio dá o primeiro solavanco e começa a avançar. A locomotiva mal tem força para puxar tantas carruagens — quantas, Cilka não sabe dizer. Ao deixarem Cracóvia, ela sente que se vai afastando de toda a esperança de algum dia regressar a casa. É noite, apercebe-se.

No *outro lugar*, enquanto esperava no bloco, por um momento permitiu-se ter esperança, mas, afinal, não deveria ter-se atrevido a tanto. O seu destino é ser castigada e talvez mereça isso. Mas, com o comboio a ganhar velocidade, jura a si mesma que jamais tornará a ver-se de novo num lugar como o Bloco 25.

Tem de haver outras maneiras de se manter viva que não a obriquem a testemunhar tantas mortes.

Chegará algum dia a saber se as suas amigas que foram levadas do campo de concentração pelos nazis estão a salvo? Têm de estar. É-lhe insuportável pensar o contrário.

O sacudir do comboio embala crianças e bebés, que vão adormecendo, mas então o silêncio é rasgado pelo grito dilacerante de uma jovem mãe que segura nos braços um bebé muito magrinho. Está morto.

Cilka pergunta-se o que terão aquelas mulheres feito para estarem ali. Serão judias, como ela? Na prisão, pelas conversas que foi ouvindo, a maioria não era. Pergunta-se onde as levará aquele comboio. Miraculosamente, acaba por dormir.

De repente, o comboio trava a fundo, atirando-as a todas em várias direcções. Há cabeçadas, braços e pernas magoados e exclamações de dor. Para não lhe acontecer o mesmo, Cilka agarrou-se à mulher que passou a noite tombada para cima dela.

— Já cá estamos — diz alguém. Mas onde é esse «cá»?

Cilka ouve as portas de outras carruagens abrirem-se ruidosamente, mas não dá por prisioneiros a descerem do comboio. A porta da sua carruagem é aberta de par em par. De novo, o brilho do Sol magoa-lhe os olhos.

Ali fora estão dois homens, dois soldados. Um deles estende um balde de água a vários pares de mãos ávidos. O outro lança uns quantos pães para dentro da carruagem. A porta torna a fechar-se com força e, uma vez mais, as mulheres ali dentro veem-se na penumbra. Umas quantas começam a lutar pelo mesmo pão — nada que Cilka já não tenha visto. Os gritos sobem de intensidade, até que, por fim, uma das mais velhas põe-se de pé e ergue as mãos sem dizer palavra. Mesmo na penumbra, emana autoridade. Faz-se silêncio.

— Aqui, partilhamos a comida — decreta ela, num tom que não admite contestação. — Quantos pães temos? — E erguem-se cinco mãos; é esse o número de pães que há para todas ali. — Primeiro, damos às crianças. O que sobrar, partilhamos. Se alguma não comer desta vez, será a primeira a ter o seu pedaço de pão quando eles nos derem mais. De acordo? — As que têm em sua posse os pães começam a parti-los em pequenos pedaços, que vão distribuindo pelas mães. Cilka acaba por não ter o seu. Aquilo incomoda-a. Talvez alimentar as crianças não seja o mais avisado, se o lugar para onde se dirigem é como aquele de onde ela vem. Se assim for, é comida desperdiçada. É algo terrível de se pensar e ela tem consciência disso.

O comboio fica parado durante várias horas. Mulheres e crianças tornam a sossegar.

O silêncio torna a ser rasgado, desta vez por uma rapariga aos gritos. As que a rodeiam tentam acalmá-la, para perceberem o que aconteceu, até que, a soluçar, ela ergue uma mão manchada de sangue — Cilka vê isso sob a luz vacilante que entra pelos minúsculos intervalos entre as tábuas que formam a parede do vagão.

— Estou a morrer.

A mais próxima baixa os olhos para o vestido dela. Está manchado de sangue.

— Vieram-lhe as regras — diz. — Está tudo bem, ela não vai morrer. — A rapariga continua a soluçar.

A que antes se encostara às pernas de Cilka — também uma rapariga, um pouco mais nova do que ela e a usar um vestido leve, como a própria Cilka — põe-se de pé e pergunta alto:

— Como te chamas?

— Ana — responde a que está a chorar.

— Ana, eu sou a Josie. Todas nós vamos ajudar-te — afiança, e olha em volta da carruagem. — Não é assim?

As restantes anuem e murmuram em concordância.

Uma delas segura o rosto da jovem e fá-la aproximar-se.

— Nunca tiveste o período? — A rapariga faz que não. A outra, uma mulher mais velha, segura-a contra o peito e embala-a para a acalmar. Ao ver aquilo, Cilka sente o coração doer-lhe de saudade. — Não estás a morrer. Tornaste-te mulher, só isso.

Algumas das outras estão já a rasgar tiras da orla dos vestidos, que depois vão passando de mão em mão até chegarem à mulher que tomou a seu cargo aquela rapariga.

Com um solavanco, o comboio retoma a marcha. Josie desequilibra-se e cai e então deixa escapar uma risadinha. Incapaz de se conter, Cilka ri também. Cruzam olhares. Com aquelas sobrance-lhas e pestanas escuras e aquela boca pequenina e bem desenhada, Josie recorda-lhe a sua amiga Gita.

Várias horas depois, tornam a parar. É-lhes trazida água e pães. Desta vez, os soldados espreitam com mais atenção para o interior da carruagem e então a jovem mãe é forçada a entregar-lhes o seu bebé morto. Ela ainda tenta sair para acompanhar o filho sem vida, mas os soldados impedem-na. A porta da carruagem é fechada com força e então ela fica em silêncio. Por fim, as outras ajudam-na a sentar-se a um canto e deixam-na chorar a sua perda.

Perante aquilo, Josie leva a mão à boca, horrorizada — uma reação que não passa despercebida a Cilka.

— Chamas-te Josie? — pergunta àquela rapariga que tem vindo encostada às suas pernas. Faz-lhe a pergunta em polaco, porque foi a língua que a ouviu usar.

— Sim. — Josie volta-se devagar e ficam com os joelhos a tocar-se.

— Eu sou a Cilka.

Esta breve troca de palavras parece encorajar outras. Cilka ouve umas quantas perguntarem o nome à do lado e em breve já a carruagem se encheu com o burburinho de várias conversas. Vão-se reconhecendo os idiomas e seguem-se trocas de lugares para que as nacionalidades se agrupem. Partilham-se histórias. Uma das que ali vem foi acusada de colaborar com os nazis porque tinha uma padaria na Polónia e eles compraram lá pão. Outra foi presa por traduzir propaganda alemã. Outra foi detida pelos nazis, e, porque estava com eles, acusaram-na de ser uma espia ao seu serviço. Espantosamente, à medida que cada uma conta como veio acabar ali, há risos pelo meio das lágrimas. Algumas confirmam que aquele comboio as levará a um campo de trabalhos forçados, embora não saibam onde.

Josie revela a Cilka que é da Cracóvia e que tem dezasseis anos. Cilka vai dizer-lhe qual é a sua idade e onde nasceu, mas uma das outras diz alto:

— Essa aí, sei eu bem porque é que a prenderam.

— Deixa-a — corta a que tem aura de líder, aquela que sugeriu partilharem o pão.

— Eu vi-a. Era inverno, nós todas a morrer de frio e ela de casaco de peles.

Sem dizer palavra, Cilka sente um rubor subir-lhe às faces. Levanta a cabeça e encara a sua acusadora. Que acaba por desviar o olhar. Cilka julga reconhecê-la; será uma das que estavam há mais tempo em Birkenau? Trabalhava nos serviços administrativos, no conforto de uma sala aquecida, parece-lhe.

— Tu que a acusas — continua a líder —, o que te traz a esta nossa excursão de verão numa carruagem de primeira classe?

— Nada — responde a outra, agora encolhida. — Eu não fiz nada.

— Tal como todas nós — sublinha Josie num tom firme, saindo em defesa da sua nova amiga.

Enervada, Cilka desvia o olhar daquela mulher.

E então sente o olhar brando de Josie a tranquilizá-la.

Força-se a agradecer-lhe com um breve sorriso, depois, volta-se para a parede, fecha os olhos e tenta impedir as recordações que vieram de repente — Schwarzhuber, o comandante sénior de Birkenau, parado diante dela naquele quarto acanhado, a desapertar o cinto. E, através da parede, o choro das mulheres.

Tornam a parar e, desta vez, Cilka consegue um naco de pão. O instinto fá-la comer só metade — a outra guarda-a no vestido. Olha em volta; teme que alguém tenha visto e que lha tente tirar. Torna a voltar-se para a parede e fecha os olhos.

De alguma maneira, lá consegue adormecer.

A consciência regressa de forma turva e então ela sobressalta-se ao ver Josie muito perto. Estendendo a mão, a jovem toca-lhe no cabelo muito curto. De imediato, vem a ânsia de a afastar, mas Cilka resiste ao impulso.

— O teu cabelo é bonito — elogia Josie, numa voz cansada e triste.

Cilka sente-se descontrair e então, por sua vez, passa a mão pelo cabelo praticamente rapado daquela rapariga mais nova do que ela.

— O teu também. — Na prisão de Cracóvia, tornaram a cortar-lhe o seu e tiraram-lhe os piolhos, procedimento com que Cilka já estava familiarizada, de tantas vezes que viu as prisioneiras passarem por isso no *outro lugar*; já para Josie, talvez tenha sido novidade. — Vens acompanhada? — pergunta, aflita por mudar de assunto.

— Venho com a minha avó.

Cilka segue-lhe o olhar e então vê que a avó é aquela mulher que falou há pouco e que continua a segurar com modos protetores aquela outra rapariga, Ana. A observá-las, a ela e à neta, troca um aceno com Cilka.

— Se calhar, podes ir fazer-lhe um pouco de companhia — sugere Cilka a Josie.

Indo para onde vão, é possível que a idosa não viva por muito mais tempo.

— Talvez seja melhor, sim. Ela deve estar com medo.

— Acho que tens razão — diz Cilka. — Eu também estou.

— A sério? Não tens ar disso.

— Mas estou, acredita. Se depois quiseres falar mais, estarei aqui.

Afastando-se, vendo com atenção onde pisa, Josie abre caminho pelo meio das outras mulheres até chegar junto da avó. Sob os feixes de luz que entram por entre as tábuas da parede da carruagem, Cilka vê as outras desviarem-se e a deixarem espaço para que a sua nova amiga se sente com a avó. E deixa escapar um sorriso.

— Tenho estado a contar e acho que passaram nove dias — murmura Josie, para ninguém em particular. — Quantos faltarão?

Agora há mais espaço na carruagem. Cilka também tem estado a contar, mas, no seu caso, vem contando as que vão morrendo de doença, de fome ou dos ferimentos de quando foram interrogadas. De cada vez que o comboio se imobiliza para lhes darem pão e água, esses corpos são levados. Até agora, foram onze mulheres

e quatro crianças. Ocasionalmente, também lançam ali para dentro algumas peças de fruta juntamente com o pão duro — que as mães amolecem na boca antes de dar aos filhos.

Enroscada ali ao lado, Josie dorme com a cabeça no seu colo. É um sono agitado. Não é difícil imaginar as imagens que lhe estarão a passar pela mente; há dias morreu-lhe a avó. Parecia forte e resolvida a aguentar-se, mas então começou a tossir, a tosse foi piorando mais e mais, depois vieram as tremuras e, por fim, já se recusava a comer. Finalmente, deixou de haver tosse.

Sem dizer palavra, Josie foi para junto da porta do vagão e ficou a ver o corpo da avó ser passado sem grande cuidado de mão em mão para o entregarem aos guardas à espera ali fora. Ao ver aquilo, a dor foi tão forte que Cilka se dobrou pela cintura, incapaz de respirar. Mas não lhe saiu um som. Não houve lágrimas.

## Auschwitz, 1942

*Num quente dia de verão, centenas de raparigas são levadas de Auschwitz para Birkenau. São quatro quilómetros de distância — uma caminhada lenta e penosa para tantas delas inadequadamente calçadas com botas, ou descalças, o que é ainda pior. Logo que passam sob o imponente arco de entrada, veem os blocos que vão sendo construídos. Os homens a trabalhar detêm-se, horrorizados, e ficam a vê-las chegar. Cilka e a sua irmã Magda estão em Auschwitz há três meses, aproximadamente, e puseram-nas a trabalhar com outras eslovacas.*

*Já no campo, deixam a estrada principal e são encaminhadas para uma área vedada, já com vários blocos concluídos e outros que em breve estarão também. Fazem-nas parar, alinham-nas com rudeza sob um sol inclemente e depois deixam-nas ali durante horas, parece-lhes.*

*Ouvem agitação algures lá atrás. Olhando por cima do ombro na direção da entrada do campo feminino, Cilka vê um oficial sénior aproximar-se, seguido por um verdadeiro séquito. A maioria das prisioneiras não se atreve a olhar, mas não ela; quer saber quem é o homem que precisa de semelhante proteção ao vir examinar um grupo de raparigas desarmadas e indefesas.*

— Obersturmführer Schwarzhuber — saúda um guarda. — Hoje vai ver a seleção?

— Sim.

Schwarzhuber, o oficial sénior, vai avançando ao longo da fileira de raparigas e mulheres. Detém-se por um breve instante ao passar por Cilka e Magda. Ao chegar ao fim da fila, volta-se e faz o trajeto inverso. Desta vez, vai examinando os rostos voltados para baixo. De vez em quando, leva a extremidade da vergasta ao queixo de alguma e fá-la erguer a cabeça.

Está cada vez mais próximo. Para diante de Cilka. Atrás dela está Magda. Ergue a vergasta. Antecipando-se, Cilka ergue o queixo e olha-nos olhos. Conseguindo a atenção do comandante nazi, fá-lo-á ignorar a sua irmã. Schwarzhuber estende a mão e ergue-lhe o braço esquerdo para examinar o número que ela traz tatuado na pele e que está a apagar-se. Cilka apercebe-se do sobressalto de Magda nas suas costas. Schwarzhuber larga-lhe o braço e continua a avançar. Cilka ouve-o falar com o SS que o acompanha.

O grupo é reorganizado — umas vão para a esquerda, outras para a direita. Os corações quase saltam do peito e os corpos encolhem-se, tal o medo. Cilka e Magda viverão porque eles assim decidiram. Agora estão na fila para serem de novo marcadas. Será doloroso. Os números de prisioneiras vão-lhes ser novamente tatuados, desta vez para não mais se apagarem. Estão muito perto uma da outra, mas não se tocam, embora desejem desesperadamente reconfortar-se. Enquanto esperam, vão sussurrando uma à outra palavras de ânimo, mas também perguntas.

Cilka conta quantas raparigas estão à sua frente. Cinco. Em breve será a sua vez, depois a de Magda. De novo, estenderá o braço esquerdo a alguém que, picada a picada, lhe gravará na pele os dígitos azulados. Fizeram-lhe isso pela primeira vez há três meses, à chegada a Auschwitz, e agora fá-lo-ão uma vez mais porque houve nova triagem e ela foi selecionada para o novo campo de concentração: Auschwitz II — Birkenau. É verão, está calor e ela está ao sol, mas começa a tremer. Teme a dor que em breve irá sentir. Da primeira vez, o choque foi tal que lhe arrancou uma exclamação. Desta vez, porém, não lhe sairá um som, diz a si mesma. Tem apenas dezasseis anos, mas já não pode comportar-se como uma criança.

Espreitando de detrás das outras, vê o Tätowierer. Ele olha nos olhos a rapariga cujo braço está a segurar. Cilka vê-o levar um dedo aos lábios,

*a dizer-lhe que fique em silêncio. Sorri-lhe. Baixa os olhos quando ela se afasta, mas depois torna a levantar a cabeça e fica a vê-la afastar-se. Depois segura o braço da próxima, não chegando a ver que aquela que acaba de se afastar se voltou para o ver uma última vez.*

*Quatro. Três. Dois. Um. Chegou a sua vez. Cilka lança um olhar apressado a Magda, como que a tranquilizá-la, e avança para diante do Tätowierer, mas o seu braço esquerdo não se move. Estendendo a mão, ele ergue-lho com delicadeza. É uma reação quase inconsciente e que até a ela surpreende: sacode-se para se libertar. Ele olha-a, olha-a nos olhos, que, Cilka tem consciência disso, decerto transbordarão raiva e asco por uma vez mais ir ver o seu corpo profanado daquela maneira.*

*— Lamento. De verdade que lamento — sussurra ele com brandura. — Dá-me o teu braço, por favor. — Passa um momento. Ele não faz qualquer tentativa para lhe tocar. Por fim, ela ergue o braço e estende-lho. — Obrigado — diz ele, quase sem voz. — Serei rápido.*

*Com sangue a pingar-lhe do braço, embora não tanto como da primeira vez, Cilka sussurra:*

*— Seja delicado com a minha irmã. — E afasta-se o mais devagar que lhe é possível, para que Magda possa alcançá-la. Curiosa, olha em redor, em busca daquela rapariga que, na fila, era a quinta antes dela. Depois olha por cima do ombro, para o Tätowierer. Ele não ficou a vê-la afastar-se. Por fim, localiza a rapariga de há pouco. Está à porta do Bloco 29. Junta-se a ela e às outras e ali ficam todas à espera de entrar na sua nova «casa». Cilka observa-a com atenção. Mesmo de cabelo rapado e com aquele vestido largueirão a esconder-lhe o corpo que poderá ser ou ter sido bem moldado, é muito bonita. Os seus grandes olhos escuros não dão mostras do desespero que Cilka já viu em tantos outros. De repente, fica desejosa de conhecer aquela rapariga que o Tätowierer não resistiu a ficar a observar ainda por um momento. Daí a instantes, Magda vem ter com ela, ainda encolhida pela dor de ser tatuada. Por um momento, veem-se longe dos olhares dos guardas e então Cilka segura a mão da irmã e aperta-a na sua.*

*Nessa noite, as raparigas do Bloco 29 juntam-se todas em dois ou três beliches e, a medo, começam a perguntar umas às outras de onde vêm. Cilka fica a saber que a tal rapariga se chama Gita e que vem de uma aldeia na Eslováquia não muito longe de Bardejov, onde ela e Magda viviam. Gita apresenta-as a duas amigas que entretanto fez: Dana e Ivanka.*

*No dia seguinte, depois da chamada, são levadas para o local onde irão trabalhar. Gilka é deixada de lado; ao contrário das restantes, não foi colocada nos armazéns perto dos crematórios — o Kanada, é como lhes chamam. Aí, faz-se a triagem dos pertences dos prisioneiros que chegam a Auschwitz e separam-se as joias e os objetos de valor, que seguem de volta para a Alemanha. Por indicação superior, ela deverá apresentar-se nos serviços administrativos, pois é lá que irá trabalhar.*